



Hermes na Idade Mídia ¹. Para uma antropofilosofia da comunicação digital

Claudio Cardoso de Paiva²

RESUMO

A comunicação digital e a convergência tecnológica têm ensejado formas de empoderamento coletivo, e têm elevado a qualidade da experiência nos domínios da economia, política, arte, ciência, educação e entretenimento. Todavia, é preciso considerar que a conjunção de tantas diferenças não se efetiva de maneira simples; muito pelo contrário. Assim, buscamos uma perspectiva teórico-metodológica que possa abarcar a complexidade da comunicação compartilhada. E, assimilando as contribuições de Walter Benjamin, recorreremos ao antigo para repensar as novas empiricidades midiático-tecnológicas e a partir do novo buscamos atualizar a sabedoria antiga. Deste modo, resgatamos a figura antropológico-filosófica de Hermes e a experiência hermenêutica para desvendar alguns aspectos da comunicação contemporânea.

Palavras-chave: Comunicação Digital; Comunicação Colaborativa; Convergência Midiática; Antropologia Filosófica; Hermenêutica da Comunicação Compartilhada

1. Introdução

O fenômeno da internet e os sistemas hipermídia forjaram uma nova realidade eletrônica, em que os cidadãos conectados interagem de maneira colaborativa, formando laços afetivos, cognitivos, comerciais e políticos. Porém, toda essa convergência social e tecnológica parece não ter trazido benefícios para todos; do lado de fora da sociedade digital estão os desplugados, os “sem banda larga”, os *outsiders* do século 21.

Constatamos que a grande batalha do nosso tempo se coloca em favor da democratização da informação, facilidade de acesso, conexão ágil e banda larga para todos; por isso mesmo defendemos um princípio ético-político e comunicacional que reconhece a inclusão digital como um caminho para a cidadania.

Basta observarmos os movimentos de Chiapas, Gênova e Seattle e a explosão das Torres Gêmeas, até a chamada “Primavera Árabe” para perceber como as estratégias de

¹ Trabalho apresentado no GP Conteúdos Digitais e Convergência tecnológica, do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Universidade Federal da Paraíba, Prof. Associado do Departamento de Comunicação e Turismo – DECOMTUR/PPGC, pesquisador em Comunicação e Mídias Digitais.



comunicação são tramadas em rede. Após um século de debate sobre a condição dos indivíduos na sociedade de massa, a discussão pública se volta para os meios pós-massivos e as estratégias sociais de empoderamento gerado pelas redes colaborativas.

Há uma inteligência coletiva conectada que perpassa o vasto conjunto das atividades socioculturais e ético-políticas, abrangendo experiências tão diversas como o correio eletrônico, o webjornalismo, o sistema bancário informatizado, a medicina computadorizada, o voto eletrônico, o GPS, as enciclopédias, dicionários e bibliotecas virtuais, teleconferências e programas de ensino mediados pela tecnologia.

Em pouco mais de uma década a nossa relação com o mundo social e natural mudou radicalmente. Do presencial ao virtual (e vice-versa) estamos tecnologicamente e sensorialmente interligados através das redes geradas por meios digitais como o chat, o blog, o MSN, o Facebook, o Twitter e o YouTube, que teletransportam os corações e mentes para uma outra dimensão da experiência individual e coletiva.

Em casa, na rua, na esfera pública e privada, nas atividades das empresas, instituições e organizações, novos atores, linguagens, valores e procedimentos ganham vigência: um novo *ethos* se instala enredado nos fluxos da informatização social.

Mas é preciso separar o joio e o trigo: há um complexo midiático massivo controlado pelo sistema global de produção capitalista, meramente comercial e voltado - exclusivamente - para o lucro. E existe, por outro lado, um complexo pós-massivo que, parte dos “sistemas sociais de resposta” (BRAGA, 2006), favorecendo estratégias de distribuição e socialização da informação, sem descartar a importância do mercado na economia de trocas materiais e simbólicas; é mais democrático, e concilia a diversidade dos interesses e expectativas sociais, sendo eticamente mais inclusivo.

Jornais, revistas e vídeos do mundo inteiro, informações ao vivo, em tempo real, a conexão simultânea entre os vários setores de produção, distribuição e consumo, tudo isso atesta um surpreendente estado de convergência de formas, conteúdos e linguagens, sinalizando conquistas e elevação da qualidade de vida material e simbólica.

Neste novo nicho comunicacional, os espectadores se tornam e-leitores, editores, cibercidadãos. Ou seja, ocorreu uma transformação profunda no contexto da experiência cultural. Antes dos meios digitais havia um ambiente sócio-político e comunicacional orientado pelas regras da separação: de um lado, os autores, a produção massiva, a indústria cultural, e do outro, os espectadores, a recepção passiva, o consumo de massa.

Hoje, o agenciamento coletivo dos usuários sinaliza uma conjunção mais equilibrada face aos paradoxos e contradições: as redes sociais favorecem processos de



veiculação, cognição e colaboração, assegurando a inserção dos indivíduos na economia de trocas informacionais, num contexto comunicativo mais democrático e participativo.

Todavia, a experiência da comunicação, que evolui em sintonia com o processo civilizatório, não se realiza num mar de águas tranquilas; pelo contrário, opera num contexto minado pelas tensões e conflitos.

Como adverte Benjamin, no ensaio “Sobre o conceito de história”, inspirado em Freud, “nunca houve um monumento da cultura que não fosse um monumento de barbárie” (BENJAMIN, 1985, p.225). Ou como afirma McLuhan, no livro *Os meios são as mensagens*, citando Whitehead, “os maiores avanços na civilização são processos que quase arruínam as sociedades em que ocorrem” (MCLUHAN, 1969, p. 7).

Vários pesquisadores têm contribuído para elucidar algumas verdades e mitos sobre o fenômeno tecnológico. Nesse filão, André Lemos faz distinção entre a *cibercultura* e a *tecnocultura*. Para ele, “na modernidade, cria-se uma tecnocultura como um fenômeno técnico expandindo-se para todos os domínios da vida social, sendo a preocupação principal ‘procurar em todas as coisas o método absolutamente mais eficiente’ ”(LEMOS, 2004, p. 50). E, em defesa do uso social criativo (e responsável) das tecnologias de comunicação, conclui: “A cibercultura é um exemplo forte dessa vida social que se quer presente e que tenta romper e desorganizar o deserto racional, objetivo e frio da tecnologia moderna”. (LEMOS, 2004, p. 262).

São necessários um dispositivos teórico-conceituais, metodológicos, para enfrentar o paradoxo da comunicação - que se quer aberta, transparente, democrática - mas é atravessada por forças econômicas, políticas, institucionais, que a impelem numa direção contrária. Então, recorreremos à imagem de Hermes, o patrono da comunicação, e à experiência da hermenêutica, uma perspectiva antropológico-filosófica da comunicação, inscritos aqui como alavancas metodológicas para nortear a nossa argumentação.

2. A sabedoria de Hermes e o poder da comunicação em rede

Explorando os domínios da filosofia, antropologia, sociologia, psicanálise, história e crítica literária, encontramos a figura de Hermes, como o intérprete e mediador diante das grandes causas da humanidade. Homero, Petronio, Dante, Shakespeare, Proust, Dostoiévsky, entre outros arcanos do pensamento ocidental, nos atualizam a imagem de Hermes como fonte de leitura do grande livro do mundo. E,



sendo o gestor perspicaz no enfrentamento da conjunção dos contrários, ajuda a deciframos as convergências e complexidades da cultura na era da comunicação digital.

Hermes é Mercúrio (na acepção latina), e é igualmente Hermes Trismegistos (em hibridação com o deus Thot egípcio); sendo esse último mais próximo da imaginação mítico-racionalista, do pensamento holísticoⁱ. E Mercúrio está mais ligado ao *cogito* matemático, ao saber pragmático, à dedução e contabilidade do mundo.

Hermes tem a incumbência de contemplar a vasta prosa universal e desvelar as camadas de sentido que formam a complexidade do discurso como *doxa* (opinião vivenciada no senso comum), como *techné* (expressão da arte e dos saberes práticos), e como *epistème* (saber especulativo, ciência, filosofia).

3. Origem, significado e atualidade do culto de Hermes.

Hermes era, na mitologia grega, um dos deuses olímpicos, filho de Zeus e de Maia, e possuidor de vários atributos. Divindade muito antiga, era cultuado na pré-história grega possivelmente como um deus da fertilidade, dos rebanhos, da magia, da adivinhação, das estradas e viagens, entre outros atributos. Ao longo dos séculos seu mito foi extensamente ampliado, tornando-se o mensageiro dos deuses e patrono da ginástica, dos ladrões, dos diplomatas, dos comerciantes, da astronomia, da eloquência e de algumas formas de iniciação, além de ser o guia das almas dos mortos para o reino de Hades. Com o domínio da Grécia por Roma, Hermes foi assimilado ao deus Mercúrio, e através da influência egípcia, sofreu um sincretismo também com Toth, criando-se o personagem de Hermes Trismegisto. Foi um dos deuses mais populares da Antiguidade clássica, teve muitos amores e gerou prole numerosa. Com o advento do Cristianismo, chegou a ser comparado a Cristo em sua função de intérprete da vontade do Logos. As figuras de Hermes e de seu principal distintivo, o caduceu, ainda hoje são conhecidas e usadas por seu valor simbólico, e vários autores o consideram a imagem tutelar da cultura ocidental contemporânea.

Wikipédia, 01.04.2011.

Seguimos uma cartografia lúcida e minuciosa, na obra de Junito de Souza Brandão (1994), narrando o percurso de Hermes, que nasceu precoce, e ainda pequeno foi colocado no oco de um salgueiro (símbolo da fertilidade e da imortalidadeⁱⁱ).

A origem do seu nome está ligada à “herma”, que significa um grande platô feito de cipós, um pilar, emanando o sentido de consistência, justiça e perpetuidade. E evoca o poder de ligar, desligar, formar laços afetivos, comerciais e políticos.



Dentre as suas características particulares, é impulsivo, rebelde, *outsider*, possui matizes contraculturais: roubou o rebanho de Apolo e após devolvê-lo ganhou um caduceu de ouro, que lhe concedeu a curiosidade, a adivinhação e o pendor para a engenharia. Essa alegoria lembra o *métier* dos engenheiros de comunicação, arquitetos e criadores do *soft*, técnicos, inventores, atuando em meio às brechas, abrindo caminho no emaranhado das redes de informação. Hermes antecipa a ação dos *cyberpunks*, *hackers*, *phreakers* que modificam o comando dos computadores, telefones, mídias locativas ⁱⁱⁱ.

Astucioso, do casco de uma tartaruga, Hermes fez uma lira e inventou a flauta de Pã. É uma divindade complexa. É agrário (também protetor dos pastores) e simboliza o dom da astúcia, do ardil, de uma sabedoria sagrada. Na versão latina, Mercúrio, como vimos, é o deus dos comerciantes (dos mercadores, dos negociantes e dos “ladrões”).

Mercúrio tem sido, ao longo da história, semanticamente associado às atividades ligadas ao comércio: *merces* é mercado, mercadoria; liga-se - portanto - a um nível de conhecimento cerebral, contábil, pragmático. Mercúrio tem o discernimento para os negócios; favorece uma vigorosa imaginação criativa no mundo da propaganda e do *marketing*, a sua marca no imaginário do consumo tem grande receptividade ^{iv}.

A “galáxia de McLuhan” é inteiramente atravessada pelo hermetismo: McLuhan é hermético na ambigüidade, no paradoxo, no oximoro, na provocação sistemática e na arte de aproximar os contraditórios. A sua visão da cultura eletrônica tem analogia com a alquimia cognitiva de Hermes-Trismegistus, tem algo de premonitório: nos anos 60, previu o híbrido, o fenômeno das convergências sócio-tecnológicas do século 21.

A exploração de McLuhan dos meios de comunicação e os célebres aforismos, como “o meio é a mensagem” e “os meios são as mensagens”, remetem ao mistério das conjunções entre o cérebro e a mente, o sensorial e o tecnológico, as redes neurais e os estímulos eletrônicos, a percepção cognitiva e a taticidade das mídias. A sua escrita em mosaico, mesmo com toda a sua assistematicidade, representa uma vigorosa hermenêutica. Buscou, junto com o seu filho Eric McLuhan, decifrar “as leis da mídia”, querendo entender os padrões das extensões dos humanos e as conexões tecnológicas.

Sob o signo de Trismegistus, McLuhan, involuntariamente, decifrou a mitologia mais celebrada do homem industrial, e não é o carro como metáfora da “noiva mecânica”, mas sim a eletricidade como mensagem, taticidade, mensagem pura:

A roda é um prolongamento do pé; o livro é um prolongamento do olho;
a roupa é um prolongamento da pele; os circuitos elétricos, um



prolongamento do sistema nervoso central. (...) Os meios ao alterarem o meio ambiente, fazem germinar em nós percepções sensoriais de agudeza única. O prolongamento de qualquer de nossos sentidos altera nossa maneira de pensar e de agir – o modo de perceber o mundo. Quando essas relações se alteram, os homens mudam.

MCLUHAN, 1969, p.59-79.

Certamente, a transmigração simbólica mais importante de Hermes, do paganismo ao catolicismo, está encarnada na imagem do anjo. A figura mais bem acabada do Hermes como intérprete-explorador está no filme *Asas do Desejo* (Win Wenders, 1987), em que os anjos se tele-transportam para Berlim, captando, nas bibliotecas, vias públicas, automóveis e metrô, as vozes e os sons das mentes humanas.

Hermes como anjo é uma figura complexa, cuja força simbólica reside justamente no seu silêncio, sexualidade polimorfa e invisibilidade total. E isso, ao mesmo tempo, fascina e perturba a imaginação dos humanos.

Numa cultura narcisista que idolatra a publicização e visibilidade total, o anjo, sendo invisível, detém uma alteridade radical. Sob o signo do oráculo, intérprete, hermeneuta, traz a promessa de revelação do oculto; não é à toa que o culto dos anjos nos mercados globais de “auto-ajuda” seja tão bem sucedido.

A *imagerie* dos anjos persiste indelével no mundo secular; está nas capelas, nas esculturas, nos grandes afrescos e resplandecem no cinema, além de *Asas do Desejo*, em *Cidade dos Anjos* (Brad Silberling, 1998) e na série apocalíptica *Anjos na América* (Mike Nichols, 2003). É importante guardarmos a sua ontologia complexa, que talvez possa ajudar a compreendermos a extensão de nossas subjetividades e sociabilidades, na era dos ciborgues e avatares, os chamados “pós-humanos”.

O espírito de Hermes conhece o poder da linguagem formal, contábil, legislativa, e simultaneamente, reconhece a potência da linguagem cotidiana, informal, performativa, assimilando a parte lúdico-criadora da experiência comunicante. A sua perícia em lidar com a *coincidência dos opostos* lhe concede sabedoria para enfrentar as complexidades, os temas difíceis, situações extremas. Por aí podemos entender as noções que derivam do seu culto, como “hermético”, “hermetismo” e “hermenêutica”.

O código binário da linguagem informacional é hermético para os leigos; entretanto, a aquisição das instruções básicas e a sua aplicabilidade podem transformar os cidadãos em eficazes gestores dos processos sociotécnico-comunicacionais.

Hermes, no sincretismo místico religioso brasileiro, à luz da antropologia (BIÃO, 2009), se traduz na figura emblemática de Exu, do candomblé que, no Brasil



arcaico, durante a hegemonia cultural branca, precisou se manter secretamente para sobreviver. É uma entidade mediadora entre o mundo dos vivos e dos mortos, protetor da sexualidade masculina. E reúne a dimensão lógico-gerencial, corpórea, quantitativa, e a dimensão involuntária, lúdica e exploratória da comunicação.

De um modo geral, as encruzilhadas (daí, do mundo) são *loci* da comunicação, das línguas, das feiras temporárias e permanentes, dos mercados, das cidades, dos teatros edificadas e das profissões das artes do espetáculo. Aí se encontra a Esfinge (e suas charadas mortais), Tirésias (o que vê mais quer os demais, sem nada ver, tão importante para *theorein* e para *theatrum*), Hermes (o que nos legou o poder da interpretação dos textos sagrados e o grande problema da traduzir e trair; na expressão italiana: *traduttore traditore*). BIÃO, 2009 (on line).

O simbolismo de Hermes-Mercúrio está associado às aptidões para o cálculo, a matemática, a estatística, a engenharia, as ciências duras, pelo seu altíssimo poder de concentração e discernimento, mas também às virtudes criativas, procriadoras e proativas. E, a estrutura simbólica de Hermes-Trismegisto está ligada às faculdades espirituais, às essências humanas (às ciências do espírito, filosofia, antropologia, psicologia, sociologia, semiologia), o que reafirma a sua simbologia complexa.

Um detalhe importante na sua indumentária é o capacete que ganhou de Hades; concede-lhe a astúcia, inteligência, o poder da gnose, do saber e da magia. Logo, é um *experto* no campo da imaginação criativa (artes da publicidade, *design*, arquitetura, propaganda, gestão organizacional e administrativa). Hermes é o protetor das ciências da contabilidade. Mas, o caduceu lhe envolve principalmente numa circunstância de significação esotérica, transmitindo-lhe o dom de decifrar a invisibilidade, permitindo-lhe trabalhar com as experiências de interpretação e decodificação.

É pelo fazer, visando à utilidade da ação, que se aprende a conviver com a liberdade. É pela ação construtiva que o cidadão, o empresário, o político, o comunicador, todos nós, descobrimos a essência, o *daimon*, no dizer dos gregos. Na “Tábua das esmeraldas”, atribuída ao deus Hermes, pode-se ler: “Descobre o gênio imortal que te habita (*Daimon*), aquela energia apaixonada que te torna em algo e te impulsiona em direção à tua missão aqui na terra”. VIANA (2006, pag. 15).

No seu culto, historicamente, podemos detectar um simbolismo ligado ao *devoir* dos acontecimentos, o que nos remete à atividade da reportagem, a transformação dos



fatos em notícias, matérias jornalísticas. Cumpre destacar, o hermetismo envolve o “segredo”, a parte oculta, a linguagem subliminar da comunicação, os não-ditos, os interditos, os silêncios, a matéria ainda em estado de elaboração.

Hermes é um especialista também na fabricação dos antídotos, poções, remédios; é pródigo nas mediações. E se atualiza na figura profissional do técnico, informacionista, encarnando em nossos dias uma espécie de “curandeiro high tech”, que conserva o “disco duro”, salvando a memória virtual, o nosso cérebro eletrônico.

Em suma, Hermes é o ágil detentor de um saber que lhe permite atuar como leitor, mediador, decodificador; é tanto um oráculo, decifrador, quanto repórter, intérprete, mensageiro: o “patrono dos jornalistas” (VIANA, 2006, pag. 20).

Na obra *As Metamorfoses*, de Ovídio, Hermes-Mercúrio é sábio, inteligente, judicioso, encarna o próprio logos. É aquele que transmite toda a ciência secreta, e faz a revelação. Seu filho, com Afrodite - o hermafrodita - é o decifrador da “pedra filosofal” no clássico de Petrônio (*Satyricom*). Hermes tem a estatura de Virgílio guiando Dante em *A divina Comédia*, entre os mortos, nos círculos do inferno.

4. A imaginação mitopoética, a história e as nervuras do re@l

Fazendo uma leitura mais atenta do estudo antropológico de Lemos, (2004), encontramos uma etnologia das formas de vida mental, incluindo o mito e o logos, a técnica e a magia, desde um estágio pré-moderno da civilização^v. A obra demonstra como a *techné* e a *epistème* estavam interligadas na sabedoria antiga, e como isso repercute na era da comunicação digital.

É neste sentido que podemos compreender a popularidade e idolatria em torno dos chats, redes sociais, blogs, games, ambientes míticos e interativos, dispositivos sensoriais e colaborativos, que reúnem a dimensão diurna e noturna do imaginário, coligando linguagens e experiências advindas de interesses e motivações distintos.

Por esse ângulo podemos entender a força simbólica da internet na sociedade midiaticizada: como “toda mídia”, oferece lazer, diversão e entretenimento (o *e-commerce* é a sua expressão mais evidente), e como uma “nova mídia” cria oportunidades de trabalho e educação (como o *e-learning*, as teleconferências, as publicações virtuais).

Seguimos a via de uma perspectiva interdisciplinar, que reúne as contribuições da antropologia simbólica, dos estudos culturais em comunicação, das pesquisas avançadas em comunicação digital. Este trabalho resulta de uma pesquisa coletiva, de



um conjunto de esforços de leitura e interpretação guiados pela empiricidade dos dados capturados na internet. Mapeamos as experiências do YouTube, blogs, Bibliotecas Virtuais, Jornalismo Digital, sistemas de geolocalização, Cinema e realidade virtual e os processos de transmediatização, objetivando contribuir para uma interpretação da complexidade cultural na era da comunicação compartilhada.

Recuperamos a iconicidade de Hermes (Mercúrio - Trismegistus) como uma vigorosa chave interpretativa dos “mistérios do mundo” na mitologia greco-latina, que nos serve como uma ferramenta metodológica para entender a prosa pós-moderna.

O signo de Hermes está presente nas narrativas mitopoéticas de Homero, Hesíodo, Ésquilo, Sófocles, Eurípides, Píndaro e Aristófanes, servindo de farol aos homens e mulheres de todas as épocas. Inscreve-se na filosofia antiga (na dialética platônica ^{vi} e na metafísica aristotélica ^{vii}) como uma figura de linguagem poderosa, atuando colaborativamente na articulação dos sistemas de pensamento racionais da antiguidade – no domínio do Direito, da Medicina e da Engenharia, e cujas emanções são irradiadas, atualizando-se hoje na trama das vivências e linguagens eletrônicas.

Com o advento monoteísta do cristianismo, evidentemente, foram confiscados os seus atributos pagãos; todavia, persistiram na extraordinária iconografia das artes visuais, que explodem nos quadros de Boticelli, Rubens, Turner, Celine, De Vries, e na imaginação poética de escritores como Dante, Goethe, Oscar Wilde e Fernando Pessoa.

5. A ciência e as cibermitologias: o conflito das interpretações na era tecnológica

No contexto da civilização cristã, é interessante notar o surpreendente sincretismo ocorrido entre os mitos antigos e os santos forjados pelo catolicismo, cuja atual força simbólica é extraordinária junto às comunidades de crentes. Talvez a sua expressão mais forte, nos tempos da globalização, seja a permanência do culto e da peregrinação no caminho de Santiago de Compostela, que arrebanha milhões de fiéis de todas as partes do mundo, forjando um hermetismo e nomadismo surpreendentes.

O imaginário popular é fértil e os ícones derivados da figura de Hermes e suas hibridações fervilham no sincretismo cultural contemporâneo, como indicam o culto dos santos ligados – simbolicamente – à comunicação, à conexão e à mobilidade: Nossa Senhora dos Navegantes (e da Boa Viagem), São Cristovão (padroeiro dos motoristas), São Rafael (padroeiro dos motociclistas), São Francisco Sales (padroeiro dos



jornalistas), Santo Antonio (protetor dos feirantes e dos namorados), incluindo a incrível figura de Santo Isidoro de Sevilha (padroeiro dos internautas) ^{viii}.

Os cortejos em torno da iconicidade formada por essas figuras híbridas, em sua aparente banalidade, atestam a potência do imaginário simbólico que se estrutura a partir de distintas e diversificadas influências multiculturais. Em nossa época imagético-publicitária, a iconologia de Hermes-Mercúrio se projeta numa cartografia híbrida e multifacetada: na hermenêutica jurídica, comercial, médica, psicanalítica, nos rituais do candomblé, na astrologia, nos esportes, no circuito da moda e no show business.

O que importa aqui é percebermos a arte da comunicação como uma hermenêutica que se atualiza nas invenções cotidianas, desde os games interativos, como *O Inferno de Dante*, passando pela videologia de *Harry Potter*, os ambientes imersivos e sensoriais como o *Second Life*, até o caleidoscópio de imagens escatológicas do website *pornotube.com*, os dispositivos neokitsch e art-net minimalista dos PPS, o vasto repertório de textos postados pelos pesquisadores no site de compartilhamento *Slideshare*, as epifanias cibernístico-astrológicas nas páginas eletrônicas (no site *Porto do Céu*), os milhares de posts “comemorativos” pela morte de Bin Laden no *YouTube*, as intervenções e comentários indignados dos ciberativistas no Orkut, os “segredos de polichinelo” revelados no *wikileaks*.

O amplo repertório destas iconicidades expressa o estilo das “idolatrias pós-modernas”, como mostram os “inventários” de Maffesoli (1998) mapeando as “tribalizações e nomadismos contemporâneos”, De Kerckhove (2009) “investigando os efeitos da nova realidade eletrônica”, Di Felice (2009) apreendendo a nova “ecologia comunicacional” e as “formas comunicativas do habitar”. Descortina-se assim uma metodologia da contemplação, interpretação e desvelação do sentido presente nas formulações de pensadores como Chardin (1966), Benjamin (1985), Simmel (1987), Flusser (1985), Maffesoli (1998), Latour (1994), entre outros, movidos pela “lógica da razão sensível”, irrigando o cogito das gerações interconectadas.

6. O sono da razão (sensível) desperta os monstros

Numa época de controle sobre o livre arbítrio e a liberdade de expressão, como ocorreu na Idade Média, como podemos constatar a partir de uma leitura das *conjecturas e refutações* de Santo Agostinho, da teologia de Tomás de Aquino e do pós-medievalismo de Spinoza, incidem severas interdições sobre a informação, a



comunicação e o conhecimento, conforme se mostra no romance *O Nome da Rosa* (Umberto Eco, 1980), uma contemplação do mundo dos mosteiros, quando os livros, o sexo e o riso (des)velavam segredos trancados a sete chaves.

A experiência de “conflito das interpretações” foi vivenciada Teilhard de Chardin (1881-1955), padre jesuíta, teólogo, filósofo e paleontólogo francês, que realizou, em sua obra herética, uma ousada visão integradora da ciência e a teologia ^{ix}.

A filosofia hermenêutica nos favorece uma leitura do código impresso e também audiovisual. Assim, os filmes como *Janela da Alma* e *Ensaio sobre a Cegueira* são interpretações do mundo, hermenêuticas, sob a forma da textualidade e audisibilidade.

A linguagem hipertextual da *web*, por sua vez, propicia leituras imersivas, transversais, e dependendo do modo de usar, pode tornar mais claras as nossas idéias.

A inteligência coletiva conectada, graças à grande hermenêutica digital, a gigantesca máquina sociotécnica provedora de leituras do mundo, tem o poder de transformar o discurso em ação. Todavia, essa tarefa não é fácil, pois a comunicação compartilhada é atravessada permanentemente por poderes em conflito. O Estado, o Capital e a sociedade civil disputam o ciberespaço com interesses e objetivos distintos. E o êxito no exercício das inteligências em rede vai depender do modo como puderem gerar estratégias coletivas de informação, comunicação e interpretação do mundo.

A inteligência coletiva conectada pelos sistemas de hipermídia realiza a vontade hermenêutica, de desvelamento do mundo através da visão, audição e tactibilidade. Trata-se de uma experiência cultural que modifica os padrões de linguagem, desafiando os atores sociais a usarem esses equipamentos coletivos para se tornarem cidadãos.

7. Hermenêutica e *Theatrum Philosophicum*

A recorrência à leitura das obras *Hermenêutica* (PALMER, 1986), *Questões fundamentais da hermenêutica* (CORETH, 1973) e *Interpretação e Ideologias* (RICOEUR, 1988) é relevante para o refinamento da percepção acerca dos diferentes modos de construção dos discursos. E nos prepara para a evolução do pensamento que se desloca do preconceito ao pré-entendimento. Sendo essa uma primeira exploração antro-po-filosófica da cibercultura, buscamos capturar o sentido da engrenagem sociotécnica que agrega a máquina de escrever, o rádio, o telefone e o vídeo. Ou seja, justapõe produtos de eras tecnológicas distintas e formas de percepção diferenciadas.



A internet nos instiga ao exercício de uma múltipla leitura e à coragem de criar por uma via hipertextual, polifônica, interdisciplinar transmetodológica.

Seguimos as pistas lançadas pela hermenêutica visando a uma estratégia de mediação entre gramáticas discursivas diferentes. Cabe ao cidadão virtual exercer o livre arbítrio, fazer a sua própria interpretação e escolher o seu modo de agir em rede.

Este é um processo que certamente poderia ser retomado a partir da crítica de Heidegger à técnica ou à filologia iconoclasta de Nietzsche, exorcizando a hegemonia dos valores morais, filosóficos, estéticos através de aforismos desconcertantes.

Todavia, optamos pela contemplação de um roteiro das interpretações, partindo de um momento histórico em que o mundo começou a ser pensado à maneira moderna.

E este momento pode ser datado a partir de Kant (1724-1804), antes de tudo, um grande intérprete, exegeta da razão, que procurou conciliar o racionalismo dedutivo, de Descartes e Leibniz, com o empirismo inglês (Hume-Locke-Berkeley). Kant nasceu em Königsberg, e num certo sentido antecipou McLuhan, pois nunca saiu da sua “aldeia” e – reza a lenda – almejou decifrar o mundo forjando filosoficamente uma “globalização” *avant la lettre*, através das extensões de uma razão pura e transcendental.

O filósofo de Königsberg empreendeu um rigoroso projeto de leitura e interpretação do real (portanto uma hermenêutica); entretanto, empenhado em numa explicação do mundo através de um “imperativo categórico”, deixou de fora a dimensão da razão sensível na contemplação do mundo. (Este projeto será levado a cabo por outros estetas e pensadores, como os neoidealistas e românticos como Schiller e Fichte).

Capturamos em Kant a noção de “imperativo categórico”, para repensar o conceito de “imperativo da visibilidade”, utilizado por Bruno (2010), para entender o estado da experiência de sociabilidade digital, em que as estratégias de visibilidade, conexão e mobilidade são pré-requisitos para a entrada do ser na ordem da cultura.

Na filosofia hermenêutica, cintila a obra de Schleiermacher (1768-1834), a crítica dos milagres e das escrituras, que em última instância, nos leva a entender o sistema de padronização da linguagem digital como estratégia de estabelecimento dos efeitos de verdade. (Antecipação de Baudrillard e a crítica do simulacro).

Dilthey (1833-1911), o psicólogo-pedagogo alemão, dedicado ao estudo das “ciências do espírito” e das “ciências da natureza”, abre caminho para as futuras reflexões, no sec.21, sobre o espírito do tempo, a inteligência cognitiva e a ecologia da comunicação (desenvolvidas por Bateson, e outros visionários da Escola de Chicago).



Husserl (1859-1938), filósofo-matemático, ousou prever uma fenomenologia do Ser diante do número, antecipando a idéia da automação, conexão e comunicação numérica da “modernidade tardia”. (Um processo especulativo que vai ganhar novas proporções na pragmática da comunicação, com Austin, Searle e Peirce, no século 20).

Caminhando sozinho na rota das idéias do seu tempo, Heidegger (1889-1976), investigador da metafísica e da teologia, antecipou uma filosofia crítica da técnica, e desta maneira vai dominar o pensamento norteador da tradição crítica da tecnocultura.

Gadamer (1900-2002), o hermeneuta filosófico, autor da obra *Verdade e Método*, empenhou-se em decifrar o “caráter verdadeiro das coisas”, mas findou como um estudioso do belo, nos estimulando a explorar os “enigmas, segredos e mistérios” da realidade sensível estetizada pelas tecnologias audiovisuais compartilhadas.

E Ricoeur (1913-2005), o “filósofo do sentido”, dedicou-se com afinco ao tema das “interpretações e ideologias” e “o conflito das interpretações”, impelindo-nos a enfrentar (e compreender) os paradoxos e complexidades da comunicação digital.

8. Para concluir

Valorizamos as leituras híbridas como forma de apreensão da complexidade; assim, absorvemos as iluminações de alguns pensadores, cujos esforços em compreender o significado dos acontecimentos na era da globalização, deixaram marcas indeléveis na inteligência brasileira:

A questão que se colocam os filósofos é a de distinguir entre uma natureza mágica e uma natureza racional. Em termos quantitativos ou operacionais, a tarefa é certamente possível. Mas é talvez inútil buscar o momento de uma transição. No fundo, o advento da Ciência Natural ou o triunfo da ciência das máquinas não suprimem, na visão da Natureza pelo homem, a mistura entre crenças, mitigadas ou cegas, e esquemas lógicos de interpretação. A relação entre teologia e ciência, marcante na Idade Média, ganha novos contornos. “A magia, o poder da fabulação”, como diz Bergson, “é uma necessidade psicológica, tal como a razão...”. Os sistemas lógicos evoluem e mudam, os sistemas de crenças religiosas são recriados paralelamente à evolução da materialidade e das relações humanas e é sob essas leis que a Natureza vai se transformando.

MILTON SANTOS, 1994, p. 16.



Convém nos determos, atentando para as significações e ressonâncias do simbolismo de Hermes (e da hermenêutica), a partir do que arte, ciência, técnica e sensibilidade se mesclam no dorso da cultura.

Buscamos acertar os ponteiros com essa (moderna) tradição, repensando as potencialidades do ser na era das tecnologias colaborativas. É essa hermenêutica que nos importa: de olho nas redes, convergências, hibridações. Cumpre lançar um olhar hermético sobre a era das mídias e redes sociais. Sem medo de enfrentar o novo discurso, a nova escrita, o novo mundo que cintila nas telas.

Convém enfrentar o híbrido, flagrar a empiricidade que está por toda parte: nas enciclopédias (em clássico formato iluminista) e na Wikipédia (em formato digital). Está no grande livro do mundo, que não pode prescindir da ciência, da filosofia, da arte da interpretação, nem dos rizomas do pensamento organizado pela razão mítica.

Convém notar, persiste uma idéia reativa, reacionária, que bane a dimensão simbólica, controlando a imaginação por meio de um jargão dominante supostamente mais esclarecido. Então, remando contra a maré, partimos de uma perspectiva interdisciplinar e polifônica, que aceita o diálogo com a Filosofia, a filosofia espontânea dos cientistas, o jargão dos especialistas, a sabedoria da praça pública informatizada, em que a *doxa* (o saber comum), a *episteme* (o saber filosófico-científico), a *techné* (artes e práticas do saber-fazer) se equivalem na arborescência do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. *Walter Benjamin. Obras Escolhidas*, vol. I Arte, técnica, Ciência e Política. S. Paulo, Brasiliense, 1985.
- BIÃO, A. “A comunicação nas encruzilhadas da Esfinge, de Hermes, Mercúrio, Exu, Maria Padilha: ditos, não-ditos, interditos e mal-entendidos”. In: Revista FAMECOS, nº 40, dez./2009.
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/6323/4598> Acesso em: 15.07.2011
- BRAGA, J.L. *A sociedade enfrenta a sua mídia*. S. Paulo: Paulus, 2006.
- BRANDÃO, J.S. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BRUNO, F; KANASHIRO, M; FIRMINO, R. (org.) *Vigilância e visibilidade*. Espaço, tecnologia e Identificação. Sulina, 2010.
- CHARDIN, T. “La puissance spirituelle de la matière”. In: ____ *L’Hymne de l’univers*. Paris: Seuil, 1966.
- DE KERCKHOVE, D. *A pele da cultura*. S. Paulo: Annablume, 2009.
- DI FELICE, M. *Paisagens pós-urbanas*. S. Paulo: Annablume, 2009.
- DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Cultrix/Edusp, 1988.
- FLUSSER, V. *Filosofia da caixa preta*. S. Paulo: HUCITEC, 1985.
- LATOUR, B. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994



- LEMOS, A. *Cibercultura*. Tecnologia e Vida Social na cultura contemporânea. Sulina, 2004
- MAFFESOLI, M. *Iconologies*. Nos idolatries postmodernes. Paris, Albin Michel, 2008; ___ *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MARCONDES FILHO, C. Dicionário da Comunicação. S. Paulo: Paulus, 2009.
- MCLUHAN, M. *Os meios são as mensagens*. Record, 1969.
- PAIVA, C. C. O Observatório da Imprensa e a Crítica da Mídia na Era Digital. A cibercultura a serviço da inteligência coletiva e da ação afirmativa. Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM 2010. GP – Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas.
http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/lista_area_DT5-CD.htm
- SANTOS, M. *Técnica, Espaço, Tempo*. Globalização e Meio técnico-científico informacional. HUCITEC, 1994.
- SIMMEL, G. “A metrópole e a vida mental”. In: *O Fenômeno Urbano*. Otávio Guilherme Velho (org.). Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.
- VIANA, F. *A Divina Arte da Comunicação*. S. Paulo: Clã Editora, 2006.

Notas

ⁱ No Egito, o deus da comunicação é Thot, representado metade homem, metade com as feições ora de um íbis, ora de um babuíno; deus da escrita, da ciência e senhor de todo o conhecimento. A ele é atribuída a invenção de todas as palavras que existem, sendo também guardião da magia; inventou a matemática, a geometria, o uso dos medicamentos; a arte de trabalhar os metais, a invenção da música. A ele é atribuída a invenção da lira de três cordas. Calculador do tempo, dos anos e regente das divisões temporais. Cf. Castro e Silva. In: Marcondes Filho, *Dicionário da Comunicação* (2009).

ⁱⁱ Convém remontar ao sentido antropológico do “oco”, “concha”, “cavidade”, “nicho”, signo de afetividade, acolhimento, que reúne as diferenças e diversidades, em oposição ao sentido da “espada”, que separa, divide e exclui. As obras de Eliade (1998); Jung (1990), Durand (1988); Maffesoli (1999), Rocha Pitta (2005), entre outros, favorecem leituras e interpretações fecundas dos atuais processos sociotécnico-comunicacionais, pelo viés de uma antropológica da comunicação e das culturas urbanas.

ⁱⁱⁱ O conceito de *hacker* nasce na obra *Neuromancer* (GIBSON, 1984) e se epifaniza no imaginário do cinema, desde filmes como *Hackers, piratas de computador* (1995) até *Matrix* (1999). Para entender o ciberpunk, consultar Lemos (2004); Amaral (2006), e o manual *Etika Hacker* organizado pelo website *Hacker Teen* (com Sérgio Amadeu Oliveira) que instiga os jovens a pensar sobre um melhor uso da tecnologia em favor da sociedade. Cf. <http://www.hackerteen.com/link/etika-hacker.html>

ⁱⁱⁱ A aceção de Hermes como *outsider* é uma parte essencial na sua ontologia, e se atualiza hoje na perspectiva da “pirataria digital”, dos *hackers* e da *cibermilitância*. É a sua porção prometéica, roubando o fogo dos deuses e o entregando aos humanos. Nessa direção, destacamos o caráter ético das estratégias acionadas pelo sociólogo Sergio Amadeu Silveira, odiado e respeitado pela sua militância em favor da utilização do software livre. Cf. Blog do Sérgio Amadeu. <http://samadeu.blogspot.com/2008/04/things-hackers-detest-and-avoid.html> .

^{iv} A emanção de Hermes está bem presente no cotidiano, nas expressões populares, lembrado como o mensageiro dos deuses; sob o signo do planeta Mercúrio, tem marca indelével no zodíaco. Transita com desenvoltura no mundo secular: nos almanaques, revistas e jornais de larga circulação. Está nas agências de correio, na marinha e na aeronáutica. O seu caduceu consta em brasões de várias cidades e jurisdições. Empresas, periódicos, produtos e pessoas adotaram seu nome. Internacionalmente é muito prestigiada a *griffe Hermès*, de artigos de luxo, trazendo um nome de família. (Wikipedia, 01.04.2011).



^v “O imaginário grego sobre as técnicas será influenciado pelas narrativas míticas. Os mitos de origem do homem são também os mitos de origem da técnica (Prometeu, Décalo, Ícaro, Hefáistos, Atenas, Pandora) que nos colocam diante da questão do homem como ser da técnica”. (LEMOS, 2004).

^{vi} Hermes pode ter derivado de hermeneus, que significa intérprete. Platão, dando voz a Sócrates, tentou estabelecer uma origem do nome, dizendo que Hermes estava ligado ao discurso, à interpretação e à transmissão de mensagens, todas atividades ligadas ao poder da fala (*eirein*), e segundo supunha no curso do tempo *eirein* havia sido embelezada e transformada em Hermes. In: Wikipédia, 2001.

^{vii} Aristóteles sistematizou o conceito da hermenêutica, a ciência da interpretação, da tradução e da exegese, a partir dos atributos de Hermes. Ibidem. A aplicabilidade da hermenêutica filosófica de Aristóteles permanece com vigor no jargão dos profissionais do Direito e da Jurisprudência. E hoje se mostra pertinente diante das novas linguagens geradas pelas mídias digitais e as redes sociais geradas pela convergência tecnológica.

^{viii} Comemora-se em 4 de abril o dia do padroeiro dos usuários da Internet, Santo Isidoro de Sevilha. Em março de 2000, o Serviço de Observação da Internet, sob a inspiração do Conselho Pontifício para a Comunicação Social, do Vaticano, resolveu apoiar o nome do santo para ser o patrono da Internet. Santo Isidoro de Sevilha, foi indicado por ter escrito uma enciclopédia em 20 volumes, as “Etimologias”, que tratam de tudo que se conhecia em sua época (século VI), desde gramática até pássaros, de animais e medicina, de construção de estradas a moda e mobília, bem como meditações teológicas sobre a Divindade. Ele descobriu também um sistema de pensamento, chamado de “flashes”, e ainda tido como coisa muito moderna. Seria o Google daquela época. Cf. *BlogdoQueMel*. Consultoria Doméstica. <http://blog.consultoriadomestica.com.br/2011/04/04/santo-isidoro-de-sevilha-padroeiro-dos-internautas/> Acesso em: 02.06.2011.

^{ix} Teilhard de Chardin é o fundador do conceito de “noosfera” (esfera do pensamento ou espírito humano), que influenciou Bachelard, McLuhan e Maffesoli. Cf. *Wikipedia*, 01.06.2011. Chardin é autor de obras como *O meio divino* (1927) e *O fenômeno humano* (1940), em que indica as potências do meio, contato, taticidade, sensorialidade irradiadas nas dimensões do espaço e tempo, na noosfera que nos abriga como uma comunidade simbólica, virtual. Consultar a respeito: o evento *O Século McLuhan*. ATOPOS, S. Paulo, 02 a 03.05.2011. <http://www.atopos.usp.br/mcluhan/>. Papers das conferências disponíveis em: <http://vimeo.com/23890132> . Acesso em: 02.06.2011.